

## **“TREVAS NÃO!”: ALGUMAS LUZES PARA O ENSINO DE HISTÓRIA MEDIEVAL.**

**GIOVANA PINEDA PRADO<sup>1</sup>; DANIELE GALLINDO GONÇALVES<sup>2</sup>**

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas – giovanapinedaprado@gmail.com*

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Pelotas - danigallindo@yahoo.de*

### **1. INTRODUÇÃO**

O projeto “Trevas não!” é um dentre múltiplos projetos de pesquisa, extensão e ensino que constituem as atividades do POIEMA<sup>1</sup>, o Polo Interdisciplinar de Estudos do Medievo e da Antiguidade, laboratório vinculado ao Departamento de História da UFPel. Aquele visa construir um acervo de materiais que sirvam de apoio didático ao ensino do medievo para professores da educação fundamental. Ao contemplar as diversas áreas que permeiam as novas produções de medievistas, busca-se o estreitamento entre as produções acadêmicas e o conhecimento que chega às salas de aula.

Na última versão da BNCC - Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018) o ensino de medievo, abordado no 6º ano do ensino fundamental, postula importantes habilidades associadas ao reconhecimento de transformações políticas; dinâmicas sociais, econômicas e de gênero; aspectos culturais e atuações religiosas. A proposição dessas perspectivas torna importante pensar sobre a construção da identidade individual e coletiva, da consciência histórica, que é gestada a partir disso, e sobretudo, da bagagem cultural e de conhecimento que carrega cada estudante. Ao discutir a BNCC, Bovo (2018), que propõe justamente essa perspectiva, pensa a História Medieval através da educação histórica de Rüssen, uma série de processos construtivos e reconstrutivos que estimulam o uso do conhecimento histórico nas esferas da vida prática, possibilitando a compreensão de si e do outro.

Para dar conta destes processos, Vianna (2020), ao olhar para a práxis pedagógica para disciplina de Medieval I na licenciatura em História, estabelece que o relativamente recente desenvolvimento historiográfico relacionado ao período medieval nas instituições de ensino, que agora dialogam com aspectos interdisciplinares e aproximam o medievo da contemporaneidade, abriram a possibilidade de estabelecer vínculos com o contexto do dia-a-dia. Isso garante questões importantes para a construção da cidadania ou mesmo do conceito de identidade (BOVO, 2018). As novas pesquisas de professores/historiadores, que refletem criticamente sobre conceitos consolidados da historiografia desta temporalidade, têm reestruturado e ampliado as didáticas voltadas ao ensino de medieval em sua formação.

O “Trevas não!” parte deste ponto de vista de ser uma dessas novas ferramentas, como extensão do ensino acadêmico, para apoiar professores de História que se dedicam à atuação nos anos fundamentais. Além de adaptar aspectos interdisciplinares similares aos abordados no ensino superior como “a literatura medieval e a crítica social; as imagens e a pedagogia do visual; o âmbito arquitetônico e as manifestações religiosas; e a arqueologia e outras formas materiais de se estudar o período” (VIANNA, 2020, p.477), o projeto pretende incorporar atividades através das recepções do medievo presente em jogos, produções visuais, literaturas infanto-juvenis e músicas da atualidade, a cultura pop. Outro ponto importante será o desenvolvimento contínuo de uma lista de

<sup>1</sup> As atividades desenvolvidas pelo polo podem ser conferidas no Instagram: @poiemaufpel.



indicações de referências bibliográficas de trabalhos de medievistas, além da indicação de textos submetidos no próprio site do POIEMA para fomentar a atualização docente.

## 2. METODOLOGIA

O desenvolvimento do “Trevas não!” tem sido pensado para que se estabeleça como um trabalho colaborativo de constante pesquisa, produção e divulgação de práticas pedagógicas voltadas ao ensino do medievo em suas múltiplas abordagens possíveis e construído para acontecer em três etapas. Em um primeiro momento, preocupamo-nos com o processo de estudo teórico e metodológico sobre o ensino de História como um todo, discussões sobre didática, práticas de ensino e novas abordagens. Junto a isso, há a construção de uma identidade visual ao projeto, para lidar com a produção destes materiais de apoio, tanto para sua divulgação quanto para tornar visualmente atrativo aos estudantes as atividades propostas.

No segundo momento, a construção dos materiais será realizada a partir de pesquisas direcionadas às temáticas das competências recomendadas pela BNCC, incluindo opções para planos de aulas; atividades de incentivo à pesquisa; trabalhos de interação com fontes históricas medievais; dinâmicas; jogos; materiais complementares como textos literários e mídias; apresentações de slides, entre outras idealizações de bolsistas ou voluntários; além de materiais para leitura docente. A idealização pretende explorar os mais diversos recursos e/ou práticas didáticas para fornecer opções interdisciplinares para abordar maiores reflexões sobre o passado e sua íntima ligação com o presente, seja através das reminiscências ou recepções da temporalidade. Para esta etapa, consideramos de extrema importância as discussões acerca do “medievalismos”, das “medievalidades” e dos “dispositivos de medievalidade” (PEREIRA; GIACOMONI, 2019).

O terceiro momento, então, refere-se à divulgação e extensão das produção para a comunidade de professores e estudantes. Para isso, será utilizado como plataforma de hospedagem e divulgação o site institucional do POIEMA<sup>2</sup>. O site abriga também outros projetos, facilitando assim o acesso do docente a outros conteúdos produzidos pelo Polo e ampliando o acesso a diferentes localidades. A disponibilização dos materiais acontecerá conforme forem finalizados e revisados.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O projeto ainda se encontra em fase de constituição, nos encontramos neste primeiro momento, compondo-o em suas bases teóricas e metodológicas e delimitando suas atividades. Dessa maneira, estabelecemos alguns caminhos pelos quais pretendemos nos fundamentar, buscando, não somente, olhar para as demandas dos estudantes em serem inseridos em um ensino crítico e voltados a sua vida prática, como anuncia a BNCC, que considera importante que o estudante desenvolva uma forma de conhecimento que dê conta de compreender os processos históricos, e sobretudo lide com as questões próprias dos sujeitos, de si, do outro e das organizações sociais e culturais ao longo do tempo. Mas, olhar, principalmente, para a figura do professor que age como o mediador entre a produção do conhecimento acadêmico e o saber escolar. Essa percepção de

<sup>2</sup> Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/poiema/>.

ensino é apresentada por Rüssen, a partir do conceito de “consciência histórica” que “não pode ser meramente equacionada como simples conhecimento do passado”, ela na verdade estrutura o “conhecimento histórico como um meio de entender o tempo presente e antecipar o futuro” (RÜSSEN, 2006, p.14).

E quando trata-se do medievo, convivemos com as “reminiscências medievais” ou “recepções da Idade Média”, resquícios do tempo, em muitos âmbitos de nossas vidas, sobretudo nas mídias. E “ainda que pareça didaticamente relevante, a análise de fenômenos de recepção não pode ser operalizada em uma brincadeira de jogo de sete erros” (GALLINDO-GONÇALVES, 2022), principalmente porque as mídias são entretenimento. Porém, a construção do conhecimento histórico é indissociável às expectativas postas pelo presente (BOVO, 2018), e a forma de conceber e ensinar a História, torna-se neste sentido, cada vez mais central. Essa expectativa do presente é em boa parte ligada à referências de identidade, mas sobretudo ao entretenimento que formam nestes indivíduos um repertório cultural, que delinea nestes produtos o que lhes parecem “execêntrico”. “Um medieval-fantasia, no qual a possibilidade da existência de dragões não implica problematizar uma realidade historiográfica, factual, do mesmo” (GALLINDO-GONÇALVES, 2022). Uma fantasia capaz de provocar encantamento e ser a porta de entrada para pensar critérios de alteridade (BOVO, 2018, p.289).

O papel de problematizar essa temporalidade, no ambiente escolar, é exercido pelo docente. O trabalho destes professores/historiadores é norteado, muitas vezes, para além da BNCC, pelos livros didáticos. E ainda que Lima (2021) entenda que o livro didático apresenta importantes práticas pedagógicas no manual do professor, sugestões de atividades e materiais complementares, o material prioriza a “abordagem da história institucional e da história política factual do medievo, privilegiando o estudo da hierarquia eclesiástica e da formação dos estados modernos a partir dos reinos medievais” (LIMA, 2021, p.275). Além disso, a análise de estudos de materiais didáticos feita pelo autor, indica uma repetição nas fontes apresentadas e no foco ao que ele chama de “pilares eurocêntricos”, embora a temporalidade seja abundante em suas múltiplas culturas e obras. Outro ponto pensado pelo autor, é a dependência docente em relação aos livros didáticos, evidentemente acentuada pelas “condições de trabalho e quantidade de escolas e horas de aula” (LIMA, 2021, p.278).

#### **4. CONCLUSÕES**

Nesse sentido, a constituição do “Trevas não!” busca resgatar a autonomia de professores em sala de aula, elaborando atividades para que, ainda que dentro do previsto pela BNCC, possam discutir conceitos e temas caros à contemporaneidade. Seja explorando as reminiscências e/ou as medievalidades, ou buscando novas perspectivas de abordar as competências recomendadas. Mas, principalmente pensando na “História como uma matéria a ser ensinada e aprendida tem de passar por um exame didático referente à sua aplicabilidade de orientar para vida” (RÜSSEN, 2006, p.14). Estes materiais que serão elaborados pelo projeto não tem como finalidade substituir os livros didáticos ou os conteúdos programados, mas sim, servir como “algumas luzes para o ensino de história medieval”.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOVO, C. **Por que Idade Média?** Dos motivos de ensinar História Medieval no Brasil. In: FAUAZ, A. T. (ed.). *La Edad Media en perspectiva latinoamericana*. Heredia, Costa Rica: Euna, 2018. p. 257-278.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular.** Educação é a Base. Brasília: MEC/CONSED/UNDIME, 2018. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf).
- GALLINDO-GONÇALVES, Daniele. **Recepções da Idade Média?** Sacralidades Medievais, 20 de maio de 2022. Disponível em: <https://sacralidadesmedievais.com/textos-semanais/f/recepção-da-idade-média>.
- GIACOMONI, M. P.; PEREIRA, N. M. (org.). **Jogos e ensino de história:** [recurso eletrônico]. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2018. 129 p. Coordenado pelo SEAD/UFRGS. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/174705/001065511.pdf?sequence=1>.
- LIMA, D. M. X. A Idade Média nos livros didáticos. In: VIANNA, L. J. (org.). **A história medieval entre a formação de professores e o ensino na Educação Básica no século XXI:** experiências nacionais e internacionais. Rio de Janeiro: Autografia, 2021. p. 267-282. [livro eletrônico].
- RÜSSEN, J. Didática da História: passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, Pr, v. 1, n. 2, p. 7-16, jul. 2006. Tradução de Marcos Roberto Kusnick. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/279/285>.
- VIANNA, L. J. Reflexões sobre a formação docente para a educação básica na disciplina de História Medieval I. **Práxis Educacional**, [S.L.], v. 16, n. 42, p. 461-483, 1 out. 2020. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia/Edições UESB. <http://dx.doi.org/10.22481/praxedu.v16i42.6482>.